

## **HEROIS SEM ROSTO: A Saga do Imigrante para os EUA**

Autor: Dirma Fontanezzi – dirma28@hotmail.com

GRACAS A DEUS E MINHA FE... VOLTEI A VIVER.

Meu nome e Zelia, sou de Goiania, estado de Goiás, Brasil. Aos vinte e um anos de idade sai de minha cidade Goiânia, indo para Sao Luis do Maranhão tentar o vestibular para medicina. Nesta época trabalhava no banco Bradesco, e depois de duas tentativas sem sucesso fui transferida para o Rio de Janeiro em 1978.

Em 1979 tentei mais uma vez o vestibular, desta vez para direito passando na Faculdade Instituto Metodista Bennett (Rio) , estudando pelo credito educativo.

Em 1981 me casei indo morar em São Paulo, perdendo assim a faculdade pelo fato de não ter encontrado vaga no nível que eu estava naquele semestre, desta maneira perdendo o credito educativo. Fiquei muito frustrada, pois o meu maior sonho era me formar e ter uma profissão. Agora sem o credito educativo minhas aspirações teriam ido por terra, pois não teria condições de pagar uma faculdade e conseqüentemente, não poderia voltar a estudar jamais.

Fui trabalhar em uma Clinica Naturista, exercendo a função de telefonista e recepcionista. Na clinica existiam duas funcionarias Tânia e Celia, que se tornaram minhas amigas e que tinham morado nos Estados Unidos, e por falarem muito bem daquele pais, dentro de mim foi criando uma expectativa muito grande em conhecer os Estados Unidos.

Conversando com meu esposo sobre a possibilidade de um dia estar na América, notei que essa ideia o fascinava! Daí a idéia foi amadurecendo com as informações que meu esposo e eu estávamos adquirindo atravez de minhas amigas e outras fontes..

Em 1984 meu esposo consegue os passaportes para nós, mas indo na frente sózinho para preparar o espaço e realizar o grande sonho de estar nos Estados Unidos.

Dez meses após a partida de meu esposo, chega minha vez de fazer a grande mudança em minha vida, juntamente com o meu filho Moises então com um ano de idade.

Dia trinta de junho de 1985 estavamos eu voando rumo ao desconhecido, ao encontro de meu marido em Newark, New Jersey mas minha vinda foi por Miami Florida. Havia um grupo de turistas esperando para o embarque, e derrepente minha mãe, que estava comigo no aeroporto, reconhece uma jovem sua amiga.

Fui então apresentada a ela, Dalva o nome dela. Ela me contou que estava com o grupo, que iria para New Orleans para uma conferência religiosa, mas ela estava indo na realidade para New York. Fiz amizade com o grupo, o qual me ajudou bastante na minha chegada em Miami. Desta maneira me senti mais confortável estando com o grupo, que por coincidência era da minha igreja.

Chegamos no aeroporto de Miami às cinco horas da manhã, e no desembarque o guia passou o grupo e eu também claro! Foi tranquila minha entrada nos Estados Unidos.

Fui orientada pelo meu marido a tomar o voo da Eastern Air Lines de Miami para Newark, NJ. Havia mais pessoas brasileiras no meu voo que também estariam vindo para Newark, porém em empresa aérea diferente da qual eu havia sido orientada pelo meu esposo. Fui convencida por essas pessoas a vir com elas por outra empresa. Como elas falavam o Inglês eu me senti segura em estar em companhia delas na minha ida para Newark, mesmo em empresa aérea diferente.

Chegando no aeroporto de Newark simplesmente como magia essas pessoas desapareceram, ficando eu com o meu filho e a bagagem, sem saber pronunciar uma só palavra em Inglês ou Espanhol. Aqui o Espanhol é a segunda língua, quem fala o Espanhol se sai bem. Meu marido me esperava em outro lugar, no terminal da empresa aérea que ele havia me orientado.

Eu desesperada sem entender o que estava acontecendo, porque não sabia que cada empresa tinha seu próprio terminal. Em minutos o terminal estava completamente vazio, então no meu desespero perguntei para uma senhora americana mesmo em Português se ela sabia onde ficava a empresa Eastern Airlines mostrando o nome em um papel. Ela gesticulou me mostrando o ônibus que eu deveria entrar. Poucos segundos depois quem entra no ônibus? Ela, a senhora americana era a própria motorista do ônibus.

Ela me deixou no terminal da empresa Eastern Airlines. Naquela época ainda não havia telefone celular, e eu não sabia usar o telefone público aqui nos Estados Unidos, pois só falam em Inglês, e também não conhecia a moeda americana. A esta altura, continuava meu esposo desesperadamente me aguardando sem saber se eu havia pelo menos passado na imigração em Miami.

De repente, meu esposo nos vê e é só emoção do encontro tão esperado. Daí fomos levados para nossa nova casa na América, um basement (porão) na cidade de Harrison em New Jersey.

Depois do impacto da minha chegada, eu estava traumatizada pelo fato de não saber falar o Inglês, então pedi ao meu esposo para me ajudar a procurar uma maneira para eu aprender o Inglês. Ele comprou um walkman onde eu ouvia lições de Inglês o dia todo pelo método auditivo. Não podia trabalhar por não falar

o idioma, fiquei então só cuidando da casa e de meu filho. Após seis meses estudando Inglês, consigo trabalho em casa de um médico brasileiro casado com uma médica mexicana.

Eu fazia todo o trabalho na casa, ganhando cento e oitenta dólares semanal. Com a melhora de meu Inglês consigo um trabalho em New York, na casa de Patty uma americana, meu trabalho era também de limpeza, cuidar da casa e ainda ser baba de duas crianças, mas desta vez ganhando duzentos e cinquenta dólares semanal, uma fortuna, em relação ao que ganhava com o casal de médicos.

No ano seguinte da minha chegada me separei de meu esposo nos divorciando em seguida, mas continuei a trabalhar na casa de Patty, que assinava os papéis para o tão sonhado greencard.

Com stress da separação e outros problemas, me apareceu um caroço na mama esquerda. A princípio não dei muita importância ao caroço no meu seio. Ele não doía e por este motivo não procurei logo assistência médica, pois não sabia que era necessário. O tempo foi passando, e o caroço crescendo, eu achando lindo meu seio grande, e queria o direito também grande, pode? Eu já estava com trinta e dois anos de idade e não sabia quase nada de câncer de mama. Na minha total ignorância a respeito do assunto, nem pensei na possibilidade de um câncer. Em minha família ninguém havia tido câncer de mama, e eu me achava muito jovem para estar em risco.

Um dia decidi procurar um médico por uma outra razão qualquer, e ao ser examinada, ele me disse que eu tinha um caroço no seio, e respondi que sabia da existência deste caroço. O médico então me aconselhou a fazer uma mamografia. Eu então disse para o médico que não tinha dinheiro, e que teria de juntar primeiro para fazer a mamografia, ele disse irritado comigo para eu juntar o dinheiro para comprar o meu caixão, porque se eu estivesse com câncer eu poderia morrer antes de juntar o dinheiro para os exames.

Fiz a mamografia. O resultado constatou um caroço de cinco centímetros e foi sugerido uma biópsia do mesmo.

Naquela época, minha irmã Rosi também trabalhava na limpeza, e quando a Patty estava de férias, eu a ajudava em seu trabalho. Um dia tentei explicar para a patroa de minha irmã o meu drama (da mama), num inglês quebrado perguntei se ela sabia onde eu poderia fazer a tal biópsia, pois não tinha seguro de saúde, dinheiro, era ilegal e não falava Inglês. Ela me disse para eu ir na emergência do Hospital Universitário, que naquela época chamava-se Hospital da Cidade e ali eu poderia aplicar para o programa de Charity Care (Programa de caridade para cuidados médicos). Fui então na emergência levando as mamografias. Logo fui encaminhada para fazer uma bateria de exames. Os resultados foram os mesmos, sugerindo uma biópsia. Foram feitas então duas biópsias; uma com

uma agulha tirando o líquido do caroço para estudos a qual o resultado não foi satisfatório, e a outra tirando o próprio caroço para ser examinado.

No dia do resultado da biópsia fui sozinha, pois estava separada de meu esposo, e minha irmã Rosi estava trabalhando, assim tive que enfrentar a situação sozinha!

Chegando no Hospital Universitário, na clínica cirúrgica, logo chegaram cinco médicos para conversarem comigo, mas eu ainda não tinha o Inglês suficiente para entendê-los. Os médicos me explicaram o que estava acontecendo comigo, mas a única coisa que entendi foi que estava com câncer na mama. Neste momento não tive nenhuma reação de desespero, somente coloquei minhas mãos no rosto, e duas lágrimas rolaram silenciosamente! Segundos depois do choque, perguntei aos médicos what next? O que vira a seguir? Esta frase eu sabia pronunciar em Inglês. Naquela época em 1987 ainda não existia interpretes e nem o sistema de tradução automática via telefone em qualquer idioma, como existe hoje no hospital Universitário. Mas eles (os médicos) tinham muita boa vontade em ajudar, faziam qualquer coisa para serem entendidos. Os médicos me disseram que eu teria três opções: a quimioterapia, radiação, ou mastectomia.

Perguntei novamente qual o melhor tratamento para o meu caso. A resposta foi mastectomia. “Retirada total da mama,” seguido de radiação ou quimioterapia, dependendo do que eles encontrassem no tecido canceroso. Aceitei a decisão dos médicos fazendo a cirurgia da mama.

Exatamente dia vinte de dezembro 1987 estava eu dando entrada no Hospital Universitário, desta vez para fazer a cirurgia da retirada da mama esquerda “Como eu tinha a certeza da minha morte,” juntei todas as minhas economias, comprando presentinhos de Natal para todos meus amigos e familiares, deixando os pacotes na árvore de natal na casa da família Simoes família muito amiga, onde minha irmã e meu filho iriam passar o natal.

Dia vinte e um de dezembro pela manhã eu estava entrando no centro cirúrgico. Antes da aplicação da anestesia, fiz uma oração pedindo a Deus que: se minha vida daquele momento para frente fosse igual ou pior até aquele momento, eu não queria viver. Entreguei minha vida nas mãos de Deus e adormeci com a anestesia. A cirurgia foi um êxito!

Dia vinte e quatro véspera de natal, pela primeira vez depois da cirurgia, o médico foi tirar o curativo, e então tive o terrível impacto de pela primeira vez ver meu corpo mutilado. Foi muito chocante! Nunca antes tinha passado pela minha mente a real figura de como seria meu corpo depois da cirurgia. Agora o lado esquerdo de meu corpo parecia uma parede nua e sem forma, somente com aquela horrenda cicatriz atravessada! Chorei muito!!!

Mais tarde no mesmo dia veio de New York um médico argentino especialmente para me ver, e explicar o que aconteceria daí pra frente em relação ao meu

tratamento. Como ele era argentino eu pude entender melhor a explicação. Ele me disse que eu teria de fazer quimioterapia, e que perderia todo o cabelo e pêlos do corpo. Esta notícia me deixou ainda mais em estado de choque!

Na minha ignorância, eu não sabia absolutamente nada dos efeitos colaterais da quimioterapia. Em minha mente passava um filme... eu, sem um fio de cabelo e com o corpo mutilado andando por ai pretendendo ser normal como qualquer outra mulher, isto era algo imensamente doloroso para meu orgulho feminino, era demais para mim! Eu estava com apenas trinta e dois anos de idade que horror! A dor emocional foi tão grande que chorei desesperadamente, chorando todas as dores do mundo! Eu, no meu choro desesperado não percebi a entrada de uma enfermeira Filipina. Ela então fechando a porta me perguntou o porque daquele desespero, se era devido ao Natal que seria no dia seguinte, eu disse que não, e tentei explicar a ela a minha dor. Ela falando em espanhol, tocando suas mãos em meu rosto, me confortando de uma forma tao carinhosa, me fez ver que apesar de toda a minha desventura, eu ainda tinha coisas boas acontecendo em minha vida, e uma delas era a **própria vida!** Se Deus permitiu algo assim acontecer comigo, era porque Ele tinha um plano em minha vida, e perguntou se eu não tinha fé? Me senti confortada. A enfermeira me deixou com os meus pensamento e se foi...

Passei o Natal no Hospital... e estes foram meus presentes no Natal de 1987.

Dia vinte e seis de dezembro recebo alta do hospital indo tranqüila para minha casa.

Na primeira semana de janeiro começo então o meu tratamento de quimioterapia, que durou por seis longos meses. Eu continuava trabalhando na casa da Patty, e nos dias da quimioterapia eu não trabalhava, pois com o efeito da droga, não podia nem mesmo cuidar de meu filho, pois vomitava durante as vinte e quatro horas seguintes e ficava completamente drogada. Minha irmã Rosi e Sidney um amigo brasileiro foram meu suporte em todos os sentidos durante estes meses de sofrimento. No final dos seis meses da quimioterapia, minha mãe veio do Brasil para me ajudar com meu filho.

A vida seguiu seu curso normal continuei a trabalhar e a estudar Inglês. Comecei a namorar o meu melhor amigo, Sidney que foi o meu anjo da guarda durante o tratamento, dando-me suporte emocional, financeiro e ate minha peruca foi comprada por ele, e o mais importante; o carinho e companheirismo de sua parte.

Em 1989 quando pensava que minha vida continuaria tranqüila tive uma desagradável surpresa ao fazer uma mamografia de rotina. Nesta mamografia foi encontrado um nódulo no meu seio direito, que após a biopsia foi diagnosticado um tumor maligno. Como tratamento foi aconselhada a fazer outra mastectomia, e meu seio do lado direito foi completamente amputado.

Meu maior medo era de ter que fazer novamente a quimioterapia, mas Deus foi tão misericordioso comigo que, naquela época estava sendo estudado o medicamento

Tamoxifen. Quando cheguei no consultório de minha médica para saber o resultado da biópsia do material retirado na mastectomia, minha médica fitando meus olhos disse: Zelia, desta vez não irei tocar nos seus cabelos! Vou coloca-la num programa de estudos do medicamento Tamoxifen. Você aceita ser cobaia deste programa? Silenciosamente assinei os papéis autorizando o tratamento por cinco anos.

Um dos fatos mais marcantes em minha vida, foi o amor demonstrado pelo Sidney durante todo o tempo de angústia e sofrimento. Ele me amava apesar de; ser uma mulher divorciada com um filho pequeno para criar, tendo os dois seios amputados, e se não bastasse sendo nove anos mais velha do que ele e sem nenhuma visão do futuro. Um dia quando voltávamos de uma consulta com a oncologista ele me pede em casamento.

1990 casei-me com Sidney o meu anjo da guarda!

A Patty tinha mudado para outro estado, Pennsylvania, mas mesmo longe continuou com o processo de minha legalização e assinou todos os papéis para o meu greencard. “cartão de residente.”

Em 1994 depois de estar nove anos na América sem ir ao Brasil, voltei a Pátria amada para receber meu Greencard, foi eu e meu filho. Naquele tempo o sistema exigia que a gente saísse dos Estados Unidos para voltar como permanente residente. Assim o fizemos.

No ano seguinte fazia cinco anos da minha segunda cirurgia e do tratamento com o Tamoxifen. Ainda continuava trabalhando, estudando, cuidando de meu filho, e tendo uma vida de casada maravilhosa! Porém, havia uma grande tristeza em mim pelo fato de não poder engravidar devido ao tratamento com Tamoxifen e a quimioterapia. No meu silêncio reprimia a dor de não poder retribuir a generosidade de meu esposo, dando-lhe um filho. Todos os dias durante dois anos eu orava pedindo a Deus que me desse a graça de gerar um filho. Seria um milagre, pois minha médica havia dito que uma gravidez não só estaria colocando minha vida em perigo como também a do bebê, e a criança teria uma grande chance de nascer com sérios problemas de saúde. Em casa eu fazia sempre o teste de gravidez, tornando quase uma obsessão. Um dia fiz o teste e deu positivo, eu não pude acreditar! Seria um grande milagre, eu gritava e chorava de alegria pela possibilidade de dar o tão sonhado filho para meu querido esposo. Não contei nada para o Sidney até ter a certeza que realmente estava grávida. Fiz o teste no hospital, dando positivo novamente. Eu chorava, estava demasiadamente emocionada com a certeza da gravidez. Contei para o meu filho Moisés, então com quase doze anos de idade, que não cabia em si de tanta alegria com a novidade. À noite foi a vez de contar para meu esposo.

Quando o Sidney ficou sabendo gritava, como criança estava tão emocionado com a notícia que fiquei contemplando-o com todo o amor que sentia por ele.

Se meu casamento era maravilhoso, então com a chegada do bebe seria a consagração! So que havia o impedimento por parte dos medicos oncologistas, pelo tratamento que ainda estava fazendo.

Mais uma vez implorei a Deus para que minha medica oncologista aceitasse minha gravidez.

No dia da consulta com a oncologista eu estava apavorada, tremendo de medo. Estava na sala de espera quando ela passa por mim, e diz: "Hi Zelia, I am aware of the good news, congratulations! (Zelia estou sabendo da novidade parabéns). Eu não acreditava no que acabara de ouvir da medica, era simplesmente fantástico! Durante a consulta ela não fez nenhum comentário negativo e me encaminhou para uma clinica de gravidez de alto risco. Continuei trabalhando e estudando Inglês. Tive de fazer exames especiais para saber se o bebe seria saudável ou não. Fiz "Amniocentesis" exame este que tira uma amostra do liquido amniotico da placenta, guiado por ultra-sonografia, para saber se a criança que esta sendo gerada e normal, e tambem para averiguar o sexo do feto, através da contagem dos cromossomos.

No dia de receber o resultado deste exame, eu estava muito nervosa e preocupada, pois nao sabia o que Deus havia reservado para mim. Conforme os medicos, o feto poderia estar deformado e dependendo do resultado do exame existia a possibilidade um aborto natural. A angustia era muito grande, enquanto esperava o momento de minha consulta na sala de espera. Finalmente meu nome foi chamado, meu corpo tremia ante ao desconhecido momento que me aguardava. Diante da medica ginecologista que me assistia, quase não pude conter meu estado de ansiedade e quase insanidade que meu desespero me levava... Finalmente veio o resultado; " Zelia, voce vai ser mae de uma linda e saudavel menina." Chorei... por alguns momentos nao tive palavras para expressar meus sentimentos, meu corpo tremia mais ainda, o choro convulsivo nao me permitia pensar ou agir. Fiquei ali por alguns minutos chorando, tremendo, imovel e muda diante da medica que tao bondosamente aguardava a reação daquele momento passar. Logo depois me despedi da doutora agradei pela abençoada noticia e ainda chorando e voltei a sala de espera, pois nao tinha condições de ir a parte alguma naquele momento de tão grande emoção .

Ali naquela sala de espera, eu tive um encontro com Deus! Pude ver quao pequena era a minha fe e quao grandioso e o meu Deus!!! Ainda em lagrimas perguntei ao Senhor: que darei a ti Senhor ou que farei por ti em agradecimento a tamanha benção? Sou tão pequena, nada tenho para te oferecer... Em minha mente e coracao Deus respondeu: " Vai diz aos outros o que tenho feito por ti." Naquele momento eu disse ao meu Senhor: eu irei Senhor, aonde me mandares eu irei...

A noticia tao esperada do resultado do exame foi uma festa para todos, principalmente para meu querido esposo e meu adorado filho. Oito meses depois nasce minha filha Ruth, perfeita e linda!

Nao trabalhei ate ela completar 18 meses de idade.

Neste tempo ja me sentia muito debilitada para trabalhar de fazer limpeza, parecia que meu corpo estava enfraquecendo e eu nao tinha a mesma resistencia de antes.

Decidi então fazer um pequeno curso de Home Health Aid (Cuidar de Pessoas Enfermas em suas Casas), e logo que terminei o curso comecei a trabalhar. Trabalhei nesta area durante quatro anos. Como no trabalho me possibilitava ter muitas horas livres, resolvi voltar a estudar. Meu maior incentivo para voltar a estudar foi meu filho Moises. Ele tinha recentemente entrado para a faculdade e me disse que se eu quizesse entrar ele me ajudaria no processo. Exitei por um momento pensei: como posso eu voltar a fazer faculde aos 47 anos de idade? nao vou aprender nada, ja passei da idade! mas meu filho me deu seu apoio e me disse: “mae, esta e sua chance de se realizar profissionalmente uma vez que nao te foi possivel quando voce era jovem.” Com a ajuda de meu filho e o apoio de meu marido voltei a estudar, desta vez Faculdade de Enfermagem. Escolhi Enfermagem porque eu queria ajudar as pessoas, principalmente aquelas que passavam pelo sofrimento de um cancer de mama, eu queria contar a elas o que Deus fez por mim, queria encoraja-las a serem fortes e a acreditar que este mesmo Deus cuidaria delas tambem.

No semestre seguinte meu esposo também voltava a faculdade, estudando Ciencias Contabeis. Ele trabalhava a noite e estudava durante o dia, eu trabalhava durante o dia e estudava a noite e assim nos revezavamos no cuidado de nossa filha. Durante o periodo escolar ficamos completamente sem vida social, ate mesmo na igreja. Nao tinhamos tempo para nada, somente para o trabalho e nossos estudos, uma verdadeira loucura!

No verão de 2003 (periodo de ferias), resolvi fazer um curso profissionalizante de Assistente de Enfermagem e mudar de trabalho. Queria trabalhar em uma instituicao hospitalar para me familiarizar com o sistema, uma vez que eu me tornaria uma enfermeira. Assim em Dezembro de 2003 passei a trabalhar no Clara Maass Continuing Care Center, intituiçao esta ligada ao Clara Maass Hospital com a função de Nurse Assisstent (Assitente de Enfermeira).

Um dia em meados do ano 2004, a diretora do ministerio da mulher da minha igreja, me pediu para dar uma palestra para as mulheres, entao me lembrei da promessa feita ao meu Deus; “onde me mandares eu irei.” Aceitei o convite e pensei, “posso falar a respeito de prevençao do câncer de mama,” porque creio poder dominar muito bem este assunto. Marcamos o dia, e comecei a preparar a palestra. Liguei para o Hospital Universitário onde ainda fazia meus exames de rotina, tentando conseguir algum material de informaçao sobre o assunto, para distribuir a minha

audiência. Falei com a coordenadora geral do Programa S.A.V.E, um programa comunitário de prevenção do câncer de mama, cervical, colorretal e câncer de próstata para homens. Esses exames são gratuitos para mulheres de quarenta anos para cima, e para homens de 45/50 anos para cima. Até então eu não sabia da existência deste programa. A Sra. Catarina me disse muito amavelmente que mandaria o material pelo correio, eu disse que não seria necessário, eu iria buscar pessoalmente. Assim fui buscar o material para minha palestra. Me foi dado muito material de literatura em espanhol e em inglês. A Sra. Catarina conversando comigo perguntou-me a razão de eu me interessar em fazer uma palestra sobre aquele assunto. Então lhe disse que tive câncer de mama duas vezes, era sobrevivente de câncer de mama há dezessete anos e gostava muito de falar sobre este assunto, afim de ajudar as mulheres a se cuidarem e conhecer as medidas preventivas. Disse também a ela que esta não era a primeira vez que eu falava do assunto. Também contei a ela do milagre que Deus fez na minha vida, me permitindo gerar uma filha apesar de tudo. Ela me pareceu ficar impressionada com o que lhe contei, e não sei porque, me perguntou se eu queria trabalhar com ela naquele departamento. Pensando que o trabalho ali fosse voluntário, disse a ela que no momento não tinha tempo para trabalho voluntário, pois trabalhava e estudava enfermagem, mas um dia gostaria de ser voluntária neste tipo de trabalho pois seria a realização de um sonho! Antes de nos despedirmos ela se ofereceu para levar o programa na minha igreja com a equipe médica e o ônibus da mamografia ambulante, onde todas as mulheres de mais de quarenta anos, que não tinham seguro de saúde seriam beneficiadas. Fiquei muito feliz com a proposta, ela me deu umas aplicações para levar e serem preenchidas pelas mulheres interessadas. Na saída a Sra. Catarina me disse para deixar com ela meu número de telefone, pois gostaria de manter contato comigo e saber como foi a palestra. Sai dali me sentindo a mais abençoada das criaturas. Que sucesso seria minha palestra, pensei. Realmente, a palestra para as mulheres da igreja foi um êxito total. Tive muito a apresentar, contei minha história e ofereci exames de prevenção gratuitos para todas que se qualificassem. Se passaram quase dois meses e finalmente recebo um telefonema da Sra. Catarina querendo saber como foi a palestra. Eu disse a ela que tinha sido uma bênção, e que não havia me comunicado antes por que ela era muito ocupada, e não queria tomar o tempo dela. Disse também a Sra. Catarina que eu tinha em mãos umas dezoito fichas de pessoa que queriam fazer os exames, mas nossa igreja naquele momento não poderia receber a equipe médica porque estava em reforma, e eu entraria em contato no tempo oportuno.

Neste momento ela me pergunta outra vez, se eu gostaria de trabalhar com o Programa S.A.V.E como funcionária da U.M.D.N.J. (Universidade de Medicina e Odontologia do Estado de Nova Jersey). Eu quase não acreditei em meus ouvidos,

era bom demais para ser verdade!!! Respondi que sim, ela disse então que voltaria a se comunicar comigo quando a posição desejada fosse colocada online para que eu pudesse me inscrever para a devida vaga. Passaram mais uns trinta dias quando recebo novamente o chamado da Sra. Catarina, desta vez avisando-me que a posição seria colocada no dia seguinte, portanto eu deveria me inscrever assim que saísse o chamado para as inscrições. Apliquei para o cargo disponível, mas uma das exigências era ter o bacharelado em Assistencia Social ou ter no mínimo cinco anos de experiência com trabalho de relações publicas. Preenchi a aplicação devidamente com todos os requisitos, mandei meu curriculum vitae e corri a falar com o pastor de minha igreja, pedindo uma carta de apresentação na qual me dava dez anos de experiência (o que era pouco, pois quase toda a minha vida trabalhei na igreja como relações publicas e/ou serviço social) na função exigida, a qual enviei em seguida. Graças a faculdade que estava cursando, o Ingles e Espanhol que dominava fluentemente e ao Portugues, minha amada lingua natal, consegui o trabalho na University of Medicine and Dentistry of New Jersey, com o Titulo de S.A.V.E. Program Outreach Worker, ( Relacoes Publicas do Programa S.A.V.E.) e funcionaria do Estado de Nova Jersey. Comecei a trabalhar dia 10 de Janeiro de 2005, foi o melhor presente de aniversario de toda a minha vida, pois aos cinquenta anos de idade (os quais eu completaria quatro dias depois, no dia 14 de Janeiro de 2005), eu estaria começando minha carreira profissional tão almejada, desejada e esperada!!!

Em Abril de 2005 me tornei Cidadã Americana, por opção e merecimento. Na faculdade, eu já havia cursado todas as materias de enfermagem faltando somente o estagio no hospital, quando percebi que gostava mais de ajudar as pessoas como assistente social do que com enfermeira. Decidi então transferir minha faculdade de Enfermagem para Serviço Social, e em Maio de 2006 meu amado esposo e eu, desfilávamos pelo corredor do Centro de Artes de Newark, NJ, chamado New Jersey Performing Arts Center, em busca de nosso mui merecido diploma. Ele recebia com honra “Phi Teta Capa” o diploma de Ciencias Contabeis e eu, também com honra “Cum Laude” o diploma de Serviço Social, sendo um grande dia de nossa VITORIA!

Hoje há vinte e dois anos vivendo aqui nos Estados Unidos sou a Coordenadora de Relacoes Publicas do S.A.V.E. Program, Community Cancer Screening Services do Hospital Universitário de Newark, New Jersey, ajudando milhares de mulheres e homens no combate ao câncer. Uma de minhas funções é dar palestras educativas a respeito do câncer de mama, cervical, coloretal e prostata., e nunca perco a oportunidade de Louvar ao meu Deus, pelo que Ele tem feito por mim, e assim fazendo vou cumprindo a promessa de ir aonde Deus mandar, **basta alguem convidar.**

Não creio que foi coincidência, mas ainda me lembro das palavras da enfermeira philipina no meu quarto do hospital há vinte anos atrás... “Deus tem um plano para sua vida!”

Neste Dezembro dia 21, terei com a GRACA DE DEUS, sobrevivido ao câncer de mama por vinte anos! A Deus seja a Gloria!!!